

O nobre senhor de fraque¹

Tradução de Jaques Ximendes Beck²
Supervisão de Michael Korfmann³

Harro Zimmermann:

Senhor Grass, quem o observou na solenidade em Estocolmo, teve a impressão de ver um premiado feliz consigo mesmo. O senhor pode descrever o que sentiu naquela ocasião?

Günter Grass:

Senti uma estranha mistura de alta tensão e alívio. O caso é que eu sou considerado na Alemanha um autor 'polêmico'. Eu já não agüento mais ouvir essa palavra. Eu percebo isso sempre como algo cansativo, pois até as manchetes de alguns jornais alemães eram realmente hostis. Isso vale para o Springer Presse, para o Frankfurt Allgemeine Zeitung entretanto isso vale ainda também para o Frankfurter Rundschau. E lá em Estocolmo a recepção foi maravilhosa, não apenas referente aos acontecimentos oficiais, mas também a recepção do comitê da Academia Sueca, que decide sobre o prêmio Nobel para literatura, ocorreu de forma muito amigável e agradável. Foi surpreendente para mim a sua compreensão literária do meu trabalho, raramente experimentada na Alemanha. Isso tudo certamente ajudou-me a fazer o papel de um autor feliz. E há outras coisas que contribuíram para isso. Me permiti o prazer de convidar minha família, meus filhos e alguns netos. E isso também contribuiu para estabelecer, mesmo no círculo dos premiados de outras áreas, uma compreensão mútua. Isso tudo criou um ambiente favorável.

Harro Zimmermann:

Günter Grass dentro de um fraque, uma festa da corte, e no meio disso tudo um notório republicano. O senhor permitiu-se essa e outras liberdades. De vez em quando, como foi noticiado, o senhor até violou a etiqueta.

¹Cf. entrevista concedida por Günter Grass à Harro Zimmermann, Rádio Bremen, 1999.

²Acadêmico de Alemão-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

³Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 17-22, out-dez, 2000.

Günter Grass:

Sem saber. O rei da Suécia, que estava sentado a minha frente, me parecia um pouco perdido nos seus pensamentos. Por causa disso veio-me a idéia de levantar meu copo e a ele brindar, o que, pelo jeito, não condiz com a etiqueta da corte. Mas ele ergueu o copo em agradecimento e nós brindamos sobre a larga mesa.

Harro Zimmermann:

Essa alegria e divertimento não foram muito destacados nos jornais alemães. Por causa da sua premiação, o senhor teve muitos contatos com a imprensa internacional. O que realmente querem saber os jornalistas internacionais? No que diferem os interesses deles com os dos jornalistas alemães?

Günter Grass:

No exterior meus livros são recebidos em primeira linha como resultado de um trabalho literário. No tocante ao meu último romance, Um campo vasto, que na Alemanha tem sido lido ou parcialmente lido superficialmente, apenas com parecer político e com preconceito, confirmou-se que na França, na Espanha, na Escandinávia e na Inglaterra as reações são, antes de tudo, literárias. Na França, por exemplo, houve algumas resenhas que constatarem com surpresa que, ao lado da intenção literária e da concepção do romance, um autor alemão aproxima os franceses do problema dos Huguenotes, esquecido por muito tempo. O livro termina nas Cevênias, no lugar onde os Huguenotes se refugiavam. A perseguição aos Huguenotes é um tema presente na obra, que também destaca como muitas pessoas na França, e até na literatura, reprimiam o fato de que essa permanente expulsão e perseguição aos Huguenotes tivesse sido uma enorme sangria para a França. Não é uma situação esquisita apenas para os franceses, o fato de que, a ascensão prussiana como grande potência não tivesse sido possível sem os Huguenotes pois, todos eram trabalhadores qualificados e comerciantes que vinham de Lyon e de vários outros lugares. Nos primeiros anos eles eram privilegiados com a redução de impostos. Logo criaram raízes e fizeram florescer economicamente a Prússia, ainda dizimada com a Guerra dos Trinta Anos. Naturalmente interessou também aos jornalistas e aos críticos franceses a constelação narrativa de um romance como Um campo vasto. Por exemplo, o fato de que existem certas semelhanças entre o meu romance e a literatura de Flaubert. Essas referências literárias foram muito bem destacadas, tanto que na França, a reação à decisão do comitê Nobel foi totalmente diferente do que na Alemanha. Um grande periódico francês de literatura dedicou-me uma edição com matérias bem elaboradas e bem aprofundadas. Algo que,

infelizmente, nós não temos mais na Alemanha. Nós temos apenas artigos jornalísticos de vida curta e de grande indefinição, e esse fato é notado pelos jornalistas estrangeiros com surpresa e também com estranheza. Fico um pouco constrangido, quando me perguntam, por que parte da crítica alemã é desta maneira.

Harro Zimmermann:

Fato é, senhor Grass, que este prêmio lhe foi concedido por toda a sua obra e não apenas para O Tambor, como alguns críticos alemães escreveram.

Günter Grass:

O secretário da academia sueca enfatizou explicitamente que teria sido uma bobagem, caso eu tivesse feito tentativas em escrever uma cópia de O Tambor. Ao contrário, eu assumi o risco de escrever, a partir da metade dos anos sessenta, paralelamente ao presente com Anestesia local e Diário de um Caracol, então voltei para Danzig com uma concepção épica maior, o Linguado. Isso tudo foi percebido claramente tanto em Estocolmo quanto em outros países estrangeiros. E também minha atividade política, como cidadão, é melhor compreendida nos países onde o citoyen é um conceito estabelecido e faz parte da democracia.

Harro Zimmermann:

Como foram as reações públicas ao prêmio Nobel por parte dos políticos? Quem se contactou ao senhor?

Günter Grass:

Veio uma fileira de telegramas de saudações. Percebe-se que alguns foram redigidos por seus secretários particulares. Mas outros, como os de Johannes Rau ou de Wolfgang Thierse, eram desejos de congratulações de leitores. A propósito, no que diz respeito ao CDU, se eu me lembro ao certo, somente Kurt Biedenkopf expressou de uma maneira muito agradável seus votos de felicidade.

Harro Zimmermann:

O senhor nunca desejou tornar-se um "clássico", ou cair na esterilidade do classicismo. Agora o senhor recebeu o mais alto e mais célebre prêmio que um escritor mundial pode receber. Existe, agora, o perigo de que Günter Grass suba ao pedestal dos clássicos?

Günter Grass:

Eu não acredito que um prêmio possa ter todo esse poder. Também me parece ser um conceito artificial no que diz respeito a nossos assim chamados clássicos. Certamente há autores no século vinte que conceberam sua obra na direção de uma certa homogeneidade, como Thomas Mann e de uma certa maneira Brecht, apesar da inimizade entre eles. Mas Alfred Döblin, que me influenciou bastante, fez justamente o contrário. Ele recomeçou em cada obra, ele sempre correu riscos, com bons e maus resultados. Essa inspiração fez com que eu me desenvolvesse de forma diversa daquela que seria uma obra projetada como homogênea. Nesses conceitos fechados da construção literária existe um perigo muito grande do epígono para um autor jovem. Thomas Mann representa um fim de uma certa maneira narrativa enquanto Döblin, já a partir do primeiro romance, sempre executou novos métodos de prosa e narração, tanto que até hoje pode-se dar seqüência a esses pontos de partida. Não é por acaso que na literatura alemã do pós-guerra, de Koeppen passando por Arno Schmidt até Peter Rühmkorf e eu, nós tivemos de uma maneira ou outra a obra de Döblin como referência.

Harro Zimmermann:

Logo que o prêmio foi concedido, Der Spiegel publicou vários artigos intitulados "Grass e a literatura alemã contemporânea". De repente se dizia que Grass inspirava uma nova geração de escritores e passava seu bastão adiante.

Günter Grass:

Por trás disso há uma supervalorização de um prêmio. Existem alguns autores no exterior, como John Irving ou Salman Rushdie, que se declararam influenciados por mim, que se sentiram inspirados pela minha maneira de conceber romances. Eles adaptaram meus modos de narrar e os desenvolveram numa direção particular, sem se tornar epigonal. Há certamente um ou outro jovem autor alemão interessante, mas o que eu vi na capa da Der Spiegel era um grupo formado mais ou menos por acaso. Dificulta-se em geral o início dos jovens autores, qualificando-os como "Geração Berlimense" ou similar e os cobrindo com todo esse discurso vazio de pós-moderno, com preocupações de imagem antes de ter publicado uma única palavra. Acho tudo isso uma estupidez e espero que os jovens autores possam se livrar dessa forma de controle.

Harro Zimmermann:

Uma das críticas curiosas feitas ao senhor em relação à premiação com o Nobel foi que Günter Grass estaria se tornando um "autor popular", um conceito que não necessariamente significa algo negativo.

Günter Grass:

Eu não teria nada contra isso, mas é uma bobagem. Mesmo com altas tiragens – nesse aspecto eu não posso me queixar – ainda é fato que somente uma minoria se dedica à literatura, por isso esse conceito não tem validade.

Harro Zimmermann:

Mesmo assim eu noto que sua maneira de escrever encontra-se, hoje em dia, próxima do público, isso vale tanto para o livro Unkenrufe, de uma maneira mais complexa, para Um campo vasto e especialmente para Meu século. Sua literatura quer se aproximar das pessoas, dos seus contemporâneos e pretende estimular suas consciências, emoções e linguagens. O senhor usa sempre monólogos e diálogos e utiliza formas variadas para endereçar ao leitor. No livro Meu século o senhor retoma tradições como seletas de prosas e poesias e folhinhas de calendário.

Günter Grass:

O endereçamento direto ou indireto do leitor existe desde O Tambor e diferencia-se de livro para livro. Certamente um livro como Unkenrufe é mais acessível ao leitor do que um livro como Um campo vasto, que foi concebido pelo autor conscientemente como um desafio. O leitor que se ocupa com essa obra é forçado a se confrontar com os acontecimentos da época, neste caso o primeiro processo da unificação alemã no final do século 19, com as semelhanças e divergências, as repetições e diferenças em relação à unificação de 1991. E não apenas referente ao aspecto histórico, mas também ao aspecto literário, por exemplo através da duplicação da biografia de Fontane. Naturalmente há um certo desafio nisso para o público leitor, exigindo atenção e curiosidade para se mover dentro desse vasto campo em direção a um campo desconhecido. Em contrapartida, meu último livro Meu século retoma conscientemente a forma de folhinhas de calendário, bem conservada na Alemanha desde a Literatura Barroca, uma forma naturalmente muito mais acessível do que a de Um campo vasto.

Harro Zimmermann:

No seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel o senhor fez um tipo de caminhada pela história da poesia começando pela narrativa oral que seria também a leitura do futuro. Há pouco o senhor falou, na Espanha, do caráter subversivo dos livros. Em que consiste o específico dos livros, onde se encontra o poder de sobrevivência da literatura?

Günter Grass:

Acredito que ela parte de uma necessidade humana básica, a necessidade de contar como era e passar isso adiante. Isso é a origem oral: histórias em formação que muitas vezes sofreram modificações radicais, e depois voltaram a sua origem. Mais tarde surgiu a escrita e tudo a ser conservado foi colocado no papel, em mosteiros, pelas poucas pessoas que dominavam o seu conhecimento. Adiante surgiu a grande revolução chamada Gutemberg, a multiplicação dos livros, até a produção em massa. Nesse processo, a literatura correu o perigo de se tornar papel morto, quer dizer, esquecer sua origem oral. Para mim sempre foi importante e necessário colocar frases no papel que também continuam válidas quando pronunciadas. Por isso, eu resmungo durante meu trabalho, eu mastigo as frases, até que elas obtenham uma consistência tanto no modo falado, quanto no lido.

O que perdura vira Nobel¹

J. Busche

Tradução de Leandro Zanetti Lara²

Supervisão de Michael Korfmann³

Deu-se a decisão em Estocolmo. Günter Grass é o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura deste ano. Tal qual Heinrich Böll, recebe o prêmio tanto pela sua atividade literária quanto pela política, que é também um reflexo crítico da história da República Federal Alemã.

O Prêmio Nobel de Literatura para Günter Grass parece fazer voltar o tempo, quando se tem em vista tanto o conjunto da obra como a biografia política do autor. A decisão do júri de Estocolmo pode também ser entendida como um elemento da nova normalidade alemã, ferozmente recusada por Grass em outras ocasiões. O Nobel é um prêmio internacional, que assinala o que é conhecido em todo o mundo ou, conforme a convicção dos jurados, o que deveria ou poderia ser.

O Prêmio Nobel foi fundado no início deste século, que não foi de grandes sucessos mundiais na área de literatura para a Alemanha, menos ainda com relação a romances de reconhecimento internacional. O primeiro alemão a receber o prêmio nem foi um autor literário, mas um historiador: Theodor Mommsen, que o recebeu pela prosa magistral com que tinha escrito a sua *História Romana*, cinquenta anos antes.

Thomas Mann obteve a consagração sueca especificamente pelo romance *Buddenbrooks*, 25 anos antes e, assim, teve tempo suficiente para encontrar seu público na Europa. E agora, ao homenagear-se Günter Grass, já faz quarenta anos que ele se destacou com um dos poucos sucessos mundiais registrados na história nada brilhante do romance alemão. Kafka não viveu o bastante para ver o reconhecimento tardio de seus romances.

A parte banal da história é que, desde há muito tempo, Grass, como autor de *O Tambor*, vinha fazendo parte do grupo dos "sempre candidatos" ao Prêmio Nobel. A outra parte, a atual, é, de longe, mais relevante. Grass, que se recusa, como nenhum outro escritor famoso de sua geração, a admitir a nova normalidade na Alemanha reunificada, também poderia ter ganho o prêmio pelo seu desempenho como autor e cidadão, isto é, pela determinação com que manteve, durante décadas, as suas convicções políticas, e a influência que ele concedeu a

¹Cf. J.BUSCHE, TAZ, 1. de outubro de 1999.

²Acadêmico de Alemão-Português do Instituto de Letras - UFRGS.

³Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS.